

Celso Furtado faz 100 anos: formação e atualidade de um pensamento plural

RESUMO

O texto objetiva reconstituir a trajetória intelectual de Celso Furtado, investigando as fontes, a formação e as características de seu pensamento. Furtado formou seu pensamento a partir de três fontes principais, a filosofia positivista, a sociologia norte-americana da cultura e a visão histórica de Marx, além de receber influência de inúmeros outros pensadores. Resulta daí um pensamento multidisciplinar, independente e voltado para a ação prática, que ele dedicou a entender e a superar os problemas do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano. O principal legado de Furtado foi sua original teoria do subdesenvolvimento, cujo vigor e atualidade continuam a alimentar muitas e necessárias pesquisas sobre esta complexa questão.

Palavras-chave

Celso Furtado; Subdesenvolvimento; Planejamento.

ABSTRACT

The text aims to reconstruct the intellectual trajectory of Celso Furtado, investigating the sources, formation and characteristics of his thought. Furtado formed his thinking from three main sources, positivist philosophy, North American sociology of culture and Marx's historical vision, as well as being influenced by countless other thinkers. This results in a multidisciplinary, independent and focused on practical action, which he dedicated to understanding and overcoming the problems of Brazilian and Latin American underdevelopment. Furtado's main legacy was his original theory of underdevelopment, whose vigor and timeliness continue to fuel many necessary research on this complex issue.

Keywords

Celso Furtado; Underdevelopment; Planning.

1. Economista e professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1. Introdução

Celso Furtado faz 100 anos. Ele nasceu em Pombal, sertão paraibano, em 26 de julho de 1920. Celebrar seu centenário é também uma forma de reviver grande parte da história brasileira dos últimos setenta anos, da qual foi protagonista por suas obras teóricas e suas políticas de desenvolvimento. Furtado foi sempre um cidadão do mundo apaixonado pelo Brasil.

Celso, além de renomado intelectual, era grande escritor. Começou a escrever muito cedo, quando estudava no Liceu Pernambucano, e continuou escrevendo até o final da vida. Sua obra autobiográfica forma um belíssimo romance intelectual, cuja leitura é extremamente agradável e gratificante. Ela evidencia a formação de um pensamento entrelaçado de tal forma com a ação prática, que é difícil separar um do outro. Furtado faz 100 anos, mas seu pensamento continua atual, vivo e vigoroso. Seu rico legado intelectual é fonte de permanente inspiração para as novas gerações de pesquisadores, sobretudo na área de ciências sociais.

Analisar como foi formando seu pensamento é, também, muito enriquecedor do ponto de vista metodológico. Nesse caminho percorrido, a história sempre teve um papel fundamental. Ela foi efetivamente sua primeira paixão intelectual. O interesse pela economia surgiu mais tarde, quando sua visão do mundo já estava formada, por isso ela teve um papel mais instrumental e de pouca influência na conformação do seu espírito e na sua visão de mundo. É preciso lembrar que, para ele, não havia um problema estritamente econômico separado da realidade social e política.

Três correntes teóricas foram importantes na formação de seu pensamento. O positivismo, a sociologia norte-americana da cultura e a visão de história de Marx. A macroeconomia de Keynes agregou a importância do Estado e do planejamento. Schumpeter revelou a importância da inovação técnica. Todos esses elementos conferem ao pensamento de Furtado um caráter multidisciplinar, onde se entrelaçam aspectos econômicos, histórico-sociológicos e políticos. O pensamento de Furtado é também um pensamento transformador, onde reflexão teórica, realidade concreta e ação prática estão fortemente relacionadas. Entender o mundo era, também, uma maneira de agir sobre ele. A pesquisa econômica foi sempre um meio para preparar a ação, porque no centro de suas reflexões estavam sempre problemas reais, como ressaltava.

O texto pretende analisar alguns traços de sua trajetória intelectual, a formação histórica, as controvérsias e a atualidade do seu pensamento, com o objetivo de melhor entender o aprofundamento, as metamorfoses e as novas formas do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano, neste início do século XXI. Para tanto, apoia-se, sobretudo, na sua autobiografia intelectual e nas entrevistas que concedeu ao longo de sua vida.

Visando atingir esses objetivos, além desta Introdução, o texto aborda os seguintes temas: no item dois, as principais fontes e a formação do pensamento de Furtado; no terceiro, as influências diferentes de Marx e Keynes sobre sua forma de pensar; o tópico quatro analisa as relações de Furtado com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e o pensamento social brasileiro; no quinto, a reflexão teórica, a ação prática e o pensamento independente de Furtado; no tópico seis, são apontados os limites do Estado keynesiano e do planejamento; o item sete investiga a relação da economia com a história e sua visão de capitalismo. Por fim, a Conclusão realça a importância e a atualidade do legado de Celso Furtado para repensar as novas formas do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano.

2. Fontes e formação do pensamento de Furtado

A formação do pensamento de Celso Furtado começa ainda no ambiente familiar do sertão paraibano. Foi certamente uma formação precoce, pois aos 15 anos ele se dizia “uma pessoa com uma aguda sensibilidade social”. Seus estudos continuam, depois, no Ginásio Pernambucano de Recife e na Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro, para serem completados na Cepal, em Paris e Cambridge. No pano de fundo de sua formação entrelaçam-se a violência do mundo físico e as arbitrariedades dos homens do sertão, bem como a grande efervescência política, intelectual e repressiva, que ocorre no Brasil no período posterior à Revolução de 1930. Ele viveu grande parte de sua vida sob regimes autoritários, que cercearam toda atividade política. Isto ocorreu tanto na sua juventude, durante o período ditatorial do Estado Novo, como no regime militar pós-1964, quando amargou um longo exílio fora do país.

Furtado aponta três influências intelectuais que marcaram a formação de seu pensamento e de sua trajetória intelectual. Primeiro, o positivismo, que estudou em livros

da bem sortida biblioteca familiar. Formou-se aí a ideia da primazia da razão e do conhecimento científico como armas do progresso, bem como a visão de Furtado de que o homem faz a história e por isso supera atitudes passivas submetidas ao fatalismo. A segunda linha de influência vem de Marx, a partir de seu interesse pela história, que não considera um processo aleatório, mas que obedecia a um movimento dotado de sentido. A sociologia do conhecimento de Mannheim aprofundou a influência direta de Marx sobre seu pensamento em formação, mas o marxismo, como doutrina, nunca o seduziu, pois receava ver asfixiada sua imaginação por uma ideologia, o que poderia lhe ser intelectualmente paralisante. Por isso, valorizou mais a dimensão sistêmica do pensamento de Marx, sua visão de conjunto, que lhe permitia olhar a sociedade como um todo, entrelaçando suas dimensões econômicas, sociais e políticas. A sociologia do conhecimento também lhe permitia vincular a atividade intelectual criadora ao processo histórico. Foi esta perspectiva que despertou nele o interesse pelas ciências sociais, pois elas poderiam lhe oferecer meios para a ação prática sobre a realidade. Destaca-se também a influência do sociólogo Juan Noyola, que tinha uma sólida formação marxista e por quem Furtado nutria profunda admiração. A terceira fonte foi a sociologia norte-americana, em particular a teoria antropológica da cultura de Franz Boas, com a qual tomou contato por intermédio da leitura de *Casa-grande e senzala* de Gilberto Freyre. Este, no entanto, pouco influenciou o pensamento de Furtado no que se refere à interpretação do processo histórico brasileiro. Essas três linhas de influência se entrelaçaram e persistiram na formação do pensamento de Furtado e de sua trajetória intelectual.

Furtado também foi influenciado por Henri Pirenne e François Perroux, seu professor em Paris. Perroux afirmava que só é possível falar em desenvolvimento a partir da criação do Estado nacional. Neste aspecto, a influência de Perroux provavelmente teria sido maior do que a de Keynes, pois enquanto este último associou o papel do Estado sobretudo à política macroeconômica, Perroux ligava o papel do Estado-Nação especificamente ao desenvolvimento, questão central no pensamento de Furtado.

Depois desta breve análise das três principais vertentes teóricas e da importância das ideias de Pirenne e Perroux na formação do pensamento de Furtado, torna-se necessário aprofundar a análise da influência diferenciada de Marx e Keynes sobre a formação do pensamento de Celso Furtado, devido à importância que ambos tiveram em sua formação teórica e em suas ações práticas.

3. Furtado, Marx e Keynes

Marx e Keynes exerceram profunda influência na formação do pensamento de Furtado, tanto em relação à formação teórica e à visão histórica como em relação às políticas de planejamento. A relação de Furtado com o pensamento de Marx é complexa. Ele conhecia amplamente a obra de Marx. Conforme escreve em vinte e oito de junho de 1947 de seus *Diários intermitentes* (FURTADO, 2019), comprou toda a bibliografia marxista essencial existente em francês e se dedicou sobretudo ao estudo de *O capital*, tal era seu interesse em conhecer o pensamento de Marx. No entanto, não foi a visão econômica de Marx que mais interessou o jovem Furtado, mas sua teoria da história. Ele concorda com a ideia de Marx de que, para entender a sociedade, era necessário mergulhar na economia política, e o pensamento de Marx lhe permitia associar a economia a alguma forma de poder econômico e político. No entanto, a economia tem apenas um papel auxiliar na formação do pensamento de Furtado, que a considerava um meio para entender a história e um instrumento para as atividades relacionadas ao planejamento.

A visão sistêmica de Marx também exerceu grande influência na sua formação intelectual. Furtado (1985) destaca a importância de “poder olhar a sociedade como um todo”. A formidável vista que, a partir de Marx, se descortina sobre a gênese da história moderna, “não deixa indiferente nenhum espírito curioso”. No entanto, nem a visão histórica nem a perspectiva sistêmica de Marx tiveram grande influência sobre o pensamento econômico de Furtado pois, quando chegou a elas, “já tinha passado por Keynes, cuja macroeconomia era mais sofisticada”. Ele chega mesmo a afirmar que “a influência da obra de Keynes foi igualmente decisiva para mim” (FURTADO, 1983, p. 37). No campo da economia, Marx teve um peso menor. Furtado (1983, p. 37) não deixa dúvida sobre a importância relativa da história e da economia em sua formação: “A influência da teoria da História de Marx foi definitiva, mas o mesmo não aconteceu no plano econômico”. A teoria da história de Marx abria os horizontes da visão de Furtado, enquanto a teoria econômica de Keynes oferecia os instrumentos para a ação prática em termos de planejamento e políticas de desenvolvimento.

Além disso, Furtado justifica a menor importância de Marx no campo da economia por já conhecer o pensamento de Ricardo, especialmente em relação à teoria do valor, e por já conhecer a “macroeconomia moderna”. Ele afirma que a visão macroeconômica de Keynes é “mais avançada” do que a de Marx, provavelmente por lhe

oferecer mais instrumentos para intervir na realidade. Todavia, cabe notar que a comparação entre a visão histórica e sistêmica de Marx e a teoria macroeconômica de Keynes não pode ser estabelecida a partir de uma macroeconomia, como disciplina, mas deve ser feita a partir do confronto de suas visões diferentes sobre o capitalismo. Marx não estava preocupado em “administrar” o capitalismo, valendo-se do instrumental da macroeconomia e das técnicas do planejamento, como era o caso de Keynes, e sim em mostrar a essência do capitalismo, como um sistema de acumulação de capital baseado na exploração do trabalho.

Havia mais uma questão que alimentava a inquietação de Furtado. Era a questão ideológica. A ideia de atuar dentro de uma ideologia fechada lhe parecia intelectualmente esterilizante. “Talvez haja sido esse temor da esterilização mental, particularmente de uma asfixia da imaginação, que me afastou de todo engajamento em partidos de filiação marxista” (FURTADO, 2017, p. 615). Além de temer por uma asfixia da imaginação e pelo cerceamento de sua liberdade de pensar, a não sedução do marxismo, como doutrina, em Furtado, deve também estar relacionada com sua preocupação em formar um pensamento independente, uma das características do seu modo de pensar. A posição de Furtado em relação a Marx certamente foi influenciada pela versão do marxismo oficial dominante no pós-guerra e pela questão política e democrática, pois era realmente muito difícil separar o marxismo de Marx em relação ao marxismo oficial e à experiência soviética de socialismo. Oliveira (1997) atribui a esses fatores as conhecidas resistências de Furtado em assimilar sua obra ao campo marxista. Neste sentido, *A pré-revolução brasileira*, um dos mais brilhantes ensaios de Furtado, não avança na “tentativa de resgatar a possível contribuição de Marx”. Para Furtado, as “reformas de base”, que ele ajudou a implementar durante o governo de João Goulart, as quais visavam o aperfeiçoamento do capitalismo, eram necessárias para manter uma sociedade aberta e plural, pois, do contrário, as tensões e conflitos levariam ao modelo soviético. Em “Subdesenvolvimento e estagnação da América Latina”, Furtado vê a estagnação como tendência e não como uma crise cíclica de acordo com os conceitos de Marx, que Furtado resiste em utilizar.

Assim, a posição de Furtado parece ficar espremida entre a crítica ao conservadorismo neoclássico e a crítica marxista, um campo teórico estreito demais para a grandeza do seu pensamento. Este só poderia ser alargado pela crítica ao marxismo convencional. Na perspectiva de Oliveira (1983), Furtado precisaria ter feito ao marxismo

oficial e ao socialismo real uma crítica semelhante à que Marx fez ao *Programa de Gotha*. Sem fazer a crítica da visão marxista sobre o caminho soviético ao socialismo, a posição de Furtado se distancia de Marx. A proposta de reformas estruturais, que Furtado ajudou a formular e a colocar em prática, constitui um prelúdio antimarxista, conclui o referido autor, ao mesmo tempo em que adverte que a própria esquerda marxista, além de também reformista e furtadiana, conhecia pouco de Marx.

4. Furtado, a Cepal e o pensamento social brasileiro

Furtado trabalhou durante quase uma década na Cepal, entre 1949 e 1957, onde, sob grande influência do pensamento cepalino, procurou também consolidar sua forma independente de pensar. Na verdade, “fui influenciado profundamente por certos homens de ação, como o economista argentino Raúl Prebisch” (VIEIRA, 2004, p. 24). Mas, para Furtado, a história não estava muito presente no pensamento de Prebisch, que era mais um técnico, um economista para o qual nem a história, nem a dimensão social da economia tinham a importância que Furtado lhes atribuía. Já o sociólogo José Medina Echavarría, que havia publicado *Sociologia da cultura*, foi importante na formação do seu pensamento, tanto assim que, anos depois, Furtado o convidou para integrar os quadros da Cepal.

A influência de autores brasileiros na formação do pensamento de Furtado é tema controverso. Não resta dúvida de que seu livro, *Formação econômica do Brasil*, de 1958, o credencia como um dos grandes intérpretes do Brasil, ao lado de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. O próprio Furtado é enfático ao afirmar sua “dívida com alguns estudiosos do país”, a começar por Roberto Simonsen. “Sem a obra de Roberto Simonsen eu nunca teria escrito *Formação econômica do Brasil*” (VIEIRA, 2004, p. 24). Oliveira (1983) é bastante incisivo ao cobrar um diálogo mais forte com pensadores brasileiros e insiste que Furtado não dialoga com os autores da modernidade brasileira, a geração da década de 1930, cujas obras, já disponíveis e consagradas há muito tempo, têm muito a ver com os temas trabalhados por Furtado. Um diálogo mais profundo com esses autores poderia ter sido extremamente enriquecedor para sua obra.

Mais especificamente, Oliveira (1983) destaca a dívida de Furtado para com Caio Prado Júnior e reclama da inexistência de citações deste autor em *Formação econômica do Brasil*. Mas o próprio Oliveira atribui tal ausência ao estilo de Furtado de não querer se demorar em polêmicas nesse livro. Furtado (2002b) parece concordar com tal interpretação, dizendo que o mesmo “foi escrito com grande isenção, sem nenhuma tese controversa”. Para Ricupero (2005), no entanto, embora nem sempre muito evidente, há um diálogo implícito entre Furtado e o pensamento social brasileiro, particularmente com a obra de Caio Prado Júnior, sobretudo em relação à importância que ambos atribuem ao passado colonial brasileiro. Se é verdade que Furtado não cita, em profusão, os “novos clássicos” da modernidade brasileira em seu *Formação econômica do Brasil* e em seus escritos posteriores, o mesmo não ocorre com sua tese de doutorado, *Economia colonial do Brasil nos séculos XVI e XVII*. Em entrevista recente (VIEIRA, 2004), Furtado afirma ter citado Caio Prado Júnior nesta sua tese de doutorado, obra que talvez Oliveira não conhecesse em 1983, quando fez a crítica a Furtado, pois a mesma ainda não havia sido publicada. Nessa entrevista, Furtado afirma ter lido a *Formação do Brasil contemporâneo* de Caio Prado, quando preparava sua tese de doutorado, onde o referido autor é citado extensamente. Perguntado sobre quais autores brasileiros utilizou na sua tese, Furtado responde enfaticamente: “Caio Prado e, também, Capistrano de Abreu, um pouco”. E conclui reafirmando que *Formação do Brasil contemporâneo* de Caio Prado foi “citada extensamente” em sua tese.

De fato, uma leitura da tese de Furtado (2000a) permite iniciar o desvelamento do diálogo implícito sugerido por Ricupero entre Furtado e o pensamento social brasileiro, o que comprova a importância atribuída pelo mesmo a Caio Prado Júnior, cujas obras figuram na Bibliografia Geral de sua tese. Além disso, o livro de Caio Prado, *História econômica do Brasil*, é mencionado na parte I da mesma tese de Furtado como uma das fontes de sua pesquisa. Já a outra obra de Caio Prado, *Formação do Brasil contemporâneo*, é citada por mais de dez vezes por Furtado, com a reprodução literal de diversos trechos. Além disso, na nota que escreve como explicação da publicação em português, Furtado considera sua tese, *Economia colonial do Brasil*, e seu livro, *Formação econômica do Brasil*, como duas partes de uma mesma obra, o que equivale a dizer que Prado Júnior está muito presente na obra principal de Furtado.

Em relação a Gilberto Freyre, Furtado adverte que o autor pernambucano pouco o influenciou na interpretação do processo histórico brasileiro, pois sua influência

não se refere propriamente à interpretação do Brasil e sim à metodologia de abordagem dos problemas sociais, agregando conceitos de caráter cultural e antropológico, em contextos teóricos desprovidos de preconceitos de raça, clima e cultura, ao contrário do que faziam os autores conservadores modernos. Furtado não aceitou a visão conservadora de Freyre sobre o Brasil, por julgar que legitimava o escravismo. Mesmo assim, reconhece que ele o ajudou a pensar a sociedade brasileira, superando o enfoque racista de autores como Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, que até então dominavam o pensamento brasileiro. A obra de Boas fez entender, através de Freyre, que a dimensão cultural era independente da etnia e da raça, perspectiva que ajudou a libertar os pensadores brasileiros da sujeição mental decorrente do preconceito de raça propalado pelas teorias raciais revestidas de duvidoso caráter científico. Furtado acentua que, embora Azevedo Amaral tivesse um projeto de industrialização, na perspectiva de uma proposta de modernização conservadora, e Oliveira Viana apresentasse uma visão de conjunto do Brasil, o pensamento conservador brasileiro estava marcado por esse fundo de racismo.

5. Um pensamento independente voltado para a ação

O pensamento de Celso Furtado é marcado por algumas características fundamentais. É um pensamento multidisciplinar que envolve a história, a economia e as demais ciências sociais. Ao mesmo tempo, configura-se como um pensamento independente e um pensamento voltado para a ação. “Eu colocava a minha liberdade de pensar acima de tudo”, dizia ele, ainda no início de sua formação intelectual. Formar um pensamento independente foi sua permanente obstinação, que exigiu muito esforço e coragem. Por isso, sempre rejeitou colocar-se sob a tutela de um partido de filiação marxista, como haviam feito muitos intelectuais de sua geração, temendo comprometer sua liberdade de pensar.

Por isso, tirou uma licença em 1957 e foi para Cambridge, a convite de Kaldor, com o propósito de escrever sua *Formação econômica do Brasil*. Além de procurar um episódio ocorrido na Cepal, no final dos anos 1950, reforça seu propósito de lutar pela autonomia de pensamento. Ele se perguntava se poderia exercer o direito de publicar

algum estudo, no campo da teoria econômica, sob sua responsabilidade pessoal, para concluir que, se chegar “a perceber que não existe um interesse real por parte de meus superiores para que eu possa exercer esse direito, eu teria que renunciar ao prazer e ao privilégio que é trabalhar na Cepal” (FURTADO, 2019). Foi o que acabou acontecendo quando escreveu o livro *Economia brasileira* e não obteve a aprovação de Prebisch. “Ele simplesmente não gostou, era muito centralizador”, diz Furtado, pois queria que todos os técnicos da Cepal pensassem de acordo com o modo de pensar da instituição. Foi então que começou a cogitar em encerrar sua carreira na Cepal, justificando não poder ficar preso a uma administração, porque queria “ter liberdade de pensar”.

Além de procurar pensar de forma independente, Furtado também sempre se preocupou em direcionar seu pensamento para a formulação de políticas, buscando inspiração no vasto e eclético arsenal de conceitos de autores, que vão de List a Keynes. Suas teorias e proposições de políticas se consolidaram como uma poderosa ideologia industrializante, que exerceu forte influência sobre grande parte dos governos da América Latina. Ele pensava que as teorias econômicas existem para resolver problemas reais. “Minha grande paixão era pensar o Brasil”, dizia. Apesar de ter respirado desde muito jovem os ares do mundo, “eu queria atuar no Brasil”. O profundo desejo de compreender o seu próprio país absorveu a parte principal de suas energias intelectuais por mais de um quarto de século. No pensamento de Furtado, há uma profunda articulação entre suas ideias e a ação prática, conhecer para transformar a realidade era a sua diretriz intelectual, pois não via sentido em conhecer senão com o objetivo de agir. Atuar sobre a realidade era a razão de ser do conhecimento, mas, por outro lado, insistia que a ação transformadora pressupõe prévio conhecimento da realidade. E conclui que, no Brasil, “a tarefa de entender e explicar a realidade social estava muito atrasada para que se pensasse apenas em transformar essa realidade” (FURTADO, 2017, p. 617)

Na verdade, poucos autores conseguiram efetivar esta articulação entre pensamento e ação, entre conhecer e transformar, no nível e na dimensão realizada por Furtado. Foi nesta perspectiva de uma contínua e permanente articulação entre a teoria e a prática que soube utilizar sua original teoria do subdesenvolvimento como um instrumento de ação e transformação. Eram os “problemas reais” que guiavam suas reflexões teóricas. Para Furtado, a pesquisa econômica foi sempre “um meio de preparar a ação”.

O próprio Oliveira (1983) ressalta que a originalidade da obra de Furtado nasce dessa contradição entre a elaboração teórica e a ação prática. Furtado tinha consciência de que o processo do conhecimento é socialmente condicionado, pois se sentia “prisioneiro das estruturas sociais em que se havia formado, mesmo quando contra elas se revoltava”. Assim, conhecer tais problemas era também uma forma de superá-los. Foi na verdade seu desejo de vincular a atividade intelectual criadora às mudanças históricas que o direcionou para as ciências sociais, onde buscava os meios necessários para atuar. Sua ideia de conhecimento como arma do progresso é herança do positivismo, que conheceu ainda em sua juventude e lhe forneceu esta visão do homem em face da história.

6. O Estado keynesiano e o planejamento

O Estado e o planejamento ocupam papel central no pensamento, especialmente nas políticas de desenvolvimento concebidas e implementadas por Furtado. Ele contribuiu como poucos para mudar o pensamento brasileiro em relação ao papel do Estado. Antes, a concepção de Estado e de seu papel eram temas abordados, sobretudo, pelo pensamento autoritário conservador de autores como Sílvio Romero, Alberto Torres, Oliveira Viana e Azevedo Amaral, os quais pensavam a questão da construção nacional numa perspectiva de modernização conservadora. Para Oliveira Viana, o Estado tinha um papel muito importante dentro do arranjo social, cabendo-lhe organizar a sociedade. A influência desses autores no meio intelectual e político foi significativa, especialmente no período do regime autoritário do Estado Novo. Com a redemocratização e o novo ambiente político dos anos 1940/1950, foi possível a Furtado pensar um novo papel para o Estado, associado ao planejamento e ao desenvolvimento industrial. Ele afirma que chegou ao Estado pelo lado do planejamento, a partir do estudo da teoria das organizações, quando percebeu a importância da ação estatal para a organização da sociedade.

Em seu pioneiro texto *Sobre planejamento*, Furtado associa a atividade de planejamento à organização de um time de futebol, onde suas regras são fluidas e cada jogador pode interpretá-las a seu modo, mas, mesmo assim, são essenciais para o fun-

cionamento do jogo. Esta imagem das regras flexíveis de um jogo se aproxima da ideia de planejamento democrático de Mannheim, que teve grande influência no pensamento de Furtado.

No entanto, ao associar Estado e planejamento a um projeto de desenvolvimento, Furtado assume claramente uma visão keynesiana de Estado, a qual se tornou hegemônica no pensamento desenvolvimentista brasileiro. De acordo com esta perspectiva, o Estado é um ente político, mas que pode ser usado como instrumento técnico e neutro na execução tanto da política macroeconômica como das políticas de desenvolvimento. A visão keynesiana do Estado, assumida por Furtado, acentua seus aspectos técnico-instrumentais e sua autonomia quanto aos interesses econômicos e políticos que permeiam a sociedade e interferem na esfera do Estado. Nesta perspectiva de um Estado keynesiano, o planejamento também é visto como um meio e uma técnica neutra a serviço do desenvolvimento. É a ideia que Furtado (1983, p. 35) passa quando diz “pensar em planejamento num plano estritamente operacional”. Oliveira (1983, p. 21) também enfatiza o problema em considerar o planejamento como uma técnica neutra. Trata-se de “uma das teorizações mais ideológicas do esquema cepalino-furtadiano”.

No período posterior à Segunda Guerra, o Estado realmente assumiu papel destacado na reconstrução das economias europeias e no desenvolvimento dos países latino-americanos, contexto em que o planejamento tornou-se um poderoso instrumento a serviço dos objetivos que visavam a reconstrução e o desenvolvimento. Dois modelos de planejamento se confrontavam na mente de Furtado. O modelo soviético centralizado e o modelo de um planejamento indicativo e democrático, que fora implementado em países da Europa ocidental, de acordo com a perspectiva de Mannheim. Na América Latina, o pensamento de Furtado a favor do modelo europeu de planejamento tornou-se hegemônico. Para ele, seria “perfeitamente possível dirigir eficazmente uma economia sem pagar o preço da destruição do sistema de incentivos”. Sua preocupação residia, sobretudo, em aplicar as técnicas do planejamento flexível e democrático, não para organizar a sociedade, mas para promover a “eficiência do sistema econômico”. Nesta perspectiva keynesiana, o Estado se afasta da órbita do pensamento autoritário conservador e passa para a órbita da ideologia do desenvolvimento, que predominou em quase todo o período de 1930 a 1964. Foi sem dúvida um mérito de Furtado ter conferido ao Estado e ao planejamento um papel ativo na promoção da industrialização e do desenvolvimento dos países latino-americanos.

No entanto, esta visão keynesiana sobre a natureza do Estado e o papel do planejamento coloca uma questão relevante, que diz respeito ao alcance e aos limites do poder estatal na perseguição desses objetivos, pois existe uma questão política que atravessa a dimensão técnica do Estado e do planejamento. Eles não podem ser pensados como instrumentos neutros para a realização de um fim, uma vez que interesses econômicos particulares e conflitos políticos permeiam as ações do Estado e politizam as técnicas do planejamento. O Estado e o planejamento não são um palco neutro, onde se movimentam atores isentos, mas uma arena de conflitos econômicos, sociais e políticos. Para Goularti (1999), há um vínculo orgânico entre Estado e capital que a visão keynesiana de Estado não contempla de forma adequada e, de algum modo, desconsidera que a autonomia do Estado em relação à economia e à política é sempre uma autonomia relativa.

7. História, economia e capitalismo: matizes do pensamento furtadiano

O pensamento de Celso Furtado, entre outras características, pode definir-se como um pensamento multidisciplinar voltado fundamentalmente para desvendar os mecanismos do subdesenvolvimento. De acordo com sua visão histórica do capitalismo, nos países desenvolvidos do centro capitalista formou-se uma estrutura econômica mais ou menos homogênea, mas nos países subdesenvolvidos da periferia, ao contrário, o que se formou foi uma estrutura econômica heterogênea, na qual conviviam partes modernas inseridas no sistema capitalista e partes arcaicas com fraca inserção no sistema central. Esta estrutura híbrida tendia a se perpetuar, se não houvesse uma intervenção do Estado no sentido de unificar e homogeneizar o sistema.

Furtado (2017) relata como chegou a formular sua teoria, dizendo que, logo depois de terminar sua tese, publica seu primeiro estudo analítico das transformações da economia brasileira no século XX e lembra, então, que nesse ensaio já estavam presentes os germes do que seria, dez anos depois, sua obra *Formação econômica do Brasil*. Nas suas próprias palavras (FURTADO, 2017, p. 658):

O esforço para compreender o atraso brasileiro levou-me a pensar na especificidade do subdesenvolvimento. A ideia de que desenvolvimento e subdesenvolvimento são dois pro-

cessos integrados, que se apresentam conjuntamente na evolução do capitalismo industrial, formulei-a em uma tese de aspirante a professor, apresentada na Universidade do Brasil em 1958. Convenci-me desde então de que o atual subdesenvolvimento é a resultante de um processo de dependência, e que para compreender esse fenômeno era necessário estudar a estrutura do sistema global: identificar as invariâncias no quadro de sua história. Mas o objetivo final era compreender as razões do atraso de um país que reunia as potencialidades do Brasil.

Para compreender as razões do atraso brasileiro, ele dedicou todas suas energias ao longo da vida. Nesse esforço articulam-se dois aspectos importantes de seu pensamento teórico. A história e a economia. E, do ponto de vista operacional, a ação estatal e as técnicas do planejamento. Em relação à teoria da história, quando jovem, Furtado (1997) pensava que a “busca de um sentido para a história era uma atividade intelectual perfeitamente válida” e aceitava “a ideia de que o homem pode atuar racionalmente sobre a História”, mas, no período mais recente, passou a se questionar se não é uma atitude arrogante, “imaginar que estamos preparados para dar um sentido à História”.

Este questionamento revela a importância da visão histórica no pensamento de Furtado. Ele pensa primeiro como historiador e cientista social e só depois como economista, pois seu interesse pela economia surgiu quando sua visão de mundo já estava formada. “Cheguei ao estudo da economia por dois caminhos distintos: a história e a organização”, diz Furtado (1983), de modo que a economia pouca influência teve na conformação do seu espírito e de sua visão de mundo. Dessa forma, como relata Furtado (2017, p. 639), “a economia não chegaria a ser para mim mais que um instrumental, que me permitia, com maior eficácia, tratar problemas que me vinham da observação da história ou da vida dos homens em sociedade”. É por esta razão que a economia ocupa um papel subsidiário na formação de seu pensamento, como técnica de planejamento e como meio para entender a história. Desde muito jovem, Furtado já via com clareza a importância relativa que a economia teria no seu pensamento. Em seu texto pioneiro sobre liberalismo econômico, escrito como trabalho escolar no Ginásio Pernambucano, em 1938, quando tinha 18 anos, ele já afirmava que seu “ênfase dos processos econômicos deriva da História”. A economia deve ser compreendida “no quadro geral da vida”, ou seja, “assim como não se compreende a história sem o fator econômico, a economia não tem expressão isolada da história” (FURTADO,

2014, p. 41). Dessa forma, a economia parece não constituir um dos pilares iniciais de sua formação, pois foi através da história e do planejamento que ela veio a desempenhar seu papel.

Uma das explicações para este papel subordinado e instrumental da economia na visão de Furtado talvez seja o fato de que, quando estudava direito, as ciências sociais estavam apenas em seus começos e ainda não existia o curso superior de economia. Foi nesta situação que Furtado se deu conta da importância da economia para entender a história, na medida em que podia revelar os mecanismos subjacentes ao processo histórico. A economia lhe parecia ser um meio de acesso à realidade histórica e social, além de instrumento eficaz para a ação prática do planejamento. “Minha paixão era a história”, repete Furtado, mas, para entender que a história tem um sentido e não é fruto do acaso, precisava entender de economia.

Por outro lado, Furtado considerava os fenômenos econômicos como inseparáveis de seu contexto histórico, político e social. Para ele, ao contrário do pensamento neoclássico, que via a economia como realidade autônoma, a realidade constitui um todo complexo, formado por muitos elementos. “Nunca pude compreender a existência de um problema estritamente econômico”, diz Furtado. O problema do subdesenvolvimento não cabe nesta forma de pensar, que se apoia em hipóteses falsas ou insignificantes. A teoria neoclássica “pensa o mundo econômico como um conjunto de automatismos”. Nada é tão esterilizante, para o economista que se interessa pelos problemas do subdesenvolvimento, quanto essa visão (FURTADO, 2017, p. 645).

Furtado aceitava a visão de Keynes de que o “livre mercado” é uma ficção, pois não funciona sem o Estado. Para ele, o capitalismo é, em certo grau, um capitalismo de Estado, regulado pelas técnicas do planejamento. Efetivamente, as mudanças do pós-guerra provocaram a falência do ideário liberal e a consequente valorização do papel do Estado e do planejamento econômico democrático, bases teóricas de um compromisso keynesiano, que envolvia crescimento com distribuição da renda e da riqueza social. Esta perspectiva teórica do desenvolvimento capitalista na periferia parece ser a visão de capitalismo que permeia as obras de Furtado, nos anos 1950, 1960 e 1970, quando alimentava a crença de um “capitalismo regulado” pela ação planejada do Estado.

A propósito, Goularti (1999) sugere dividir as obras de Furtado em duas fases, uma de natureza otimista, a outra marcada pela desilusão e pela descrença na formação da

Nação e na superação do subdesenvolvimento. A fase otimista iria desde o início de sua carreira, com a publicação de *Formação econômica do Brasil*, onde analisa a origem e as causas do subdesenvolvimento. Depois, em *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, afirma sua crença na industrialização como uma espécie de tábua de salvação da periferia latino-americana. Os significativos trabalhos produzidos nesta fase, que constituem a espinha dorsal do raciocínio furtadiano, provocaram grande impacto na formação do pensamento desenvolvimentista brasileiro e latino-americano. Mas, a partir de meados de 1960 e no decorrer dos anos 1970, com o regime político autoritário e o novo “modelo econômico brasileiro”, inicia nova fase, marcada pela sensação de derrota. Efetivamente, conforme Cepêda (1998), no decorrer dos anos 1980 e 1990, aos poucos, parece que esta crença teria se perdido. *Análise do “modelo” brasileiro e O mito do desenvolvimento econômico* seriam expressão da desilusão de Furtado com a perspectiva da industrialização e a superação do subdesenvolvimento. Finalmente, em *Brasil: a construção interrompida* acentua-se o sentimento de frustração e de angústia ao ver o sonho de Nação sendo desmantelado. Em nenhum momento da nossa história “foi tão grande a distância entre o que somos e o que esperávamos ser”, escreve Furtado.

Como explicar a frustração associada ao Projeto de desenvolvimento defendido por Furtado e por tantos outros autores brasileiros? Goularti (1999) sugere que uma das causas da derrota deste projeto tenha sido, possivelmente, o equívoco de considerar a fase do “capitalismo regulado” do pós-guerra como se fosse a “situação natural” do capitalismo em si mesmo, um sistema movido por suas próprias leis internas de desenvolvimento. No entanto, o “capitalismo regulado” mostrou ser apenas uma fase histórica e não o capitalismo enquanto tal. Ele lembra que, a partir dos anos 1980, o capitalismo parece ter retomado seu “curso natural”, desregulando-se e liberando-se do controle político estatal e, ao mesmo tempo, minando o processo de desenvolvimento nacional e a perspectiva da inclusão social de muitos países da periferia capitalista.

Para onde caminhamos? é o título do último texto de Furtado (2004), escrito poucos dias antes de morrer. Tal como o título, o texto está permeado de interrogações sobre as causas que levaram o Brasil para a situação atual. “Por que não crescemos”, se pergunta Furtado? A resposta deve ser buscada no receituário neoliberal elaborado pelos ideólogos do Consenso de Washington, que derrotou o projeto de desenvolvimento e interrompeu a construção da Nação. “Ninguém foi capaz de explicitar a

razão dessa mudança de estratégia e nem por que ela seria mais benéfica a um país populoso e continental como o nosso.” O capitalismo global parece mesmo ter retornado ao seu “curso natural”, onde as empresas multinacionais controlam os centros internos de decisão do país, desarticulando seu mercado interno e seu parque industrial. Com isso, os Estados nacionais da periferia capitalista perderam seu papel de promover o desenvolvimento. Mas, apesar da sensação de derrota, Furtado parece nunca ter perdido a esperança, que volta sempre com renovadas energias em um novo e “Longo amanhecer”.

8. Conclusão: atualidade do legado intelectual de Celso Furtado

Celso Furtado faleceu em 20 de novembro de 2004, mas sua obra continua sempre atual, exercendo grande influência sobre todo o campo das ciências sociais. Furtado conferiu estatuto científico à questão do subdesenvolvimento. Seu legado intelectual é sempre um ponto de partida de novas reflexões teóricas e não um ponto de chegada, no renovado esforço a ser feito para entender as novas condições que o capitalismo globalizado impõe ao desenvolvimento das nações periféricas. Ele sempre foi um apaixonado pelo Brasil ao qual dedicou o melhor de sua inteligência e de suas energias. Furtado nos ensinou a pensar o Brasil de forma diferente. Um conhecimento voltado para a ação transformadora. Uma reflexão guiada pelos problemas reais. Um pensamento multidisciplinar, formado a partir de uma visão histórica e direcionado para mudar as estruturas econômicas, sociais e políticas do subdesenvolvimento. Se essas estruturas são históricas, isto significa que elas podem ser alteradas pela ação humana.

É pelo caminho do método histórico-estrutural de suas investigações que Furtado busca no passado colonial a gênese do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano. Seu pensamento tornou-se imprescindível para se continuar pensando as novas formas e mecanismos do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano. É a forma criativa de pensar a realidade histórica que confere ao legado intelectual de Celso Furtado uma permanente atualidade.

O elemento central do pensamento de Celso Furtado, em torno do qual se estruturaram os demais aspectos de sua elaboração teórica, foi e continua sendo sua origi-

nal teoria do subdesenvolvimento. Entender o subdesenvolvimento, não como uma etapa ou um estágio na evolução histórica do desenvolvimento, mas como uma malformação estrutural, um processo que tende a se reproduzir e a se perpetuar, muitas vezes de forma irreversível, se nada for feito para romper seus mecanismos internos e externos de reprodução. O subdesenvolvimento é uma face e não uma fase do processo global de expansão do capitalismo. O mundo continua não se estruturando como um todo unitário e homogêneo, mas como uma estrutura onde um centro desenvolvido detém um enorme poder de impor seus mecanismos de ação e seus interesses à periferia subdesenvolvida. Seus estudos sobre a formação econômica colonial colocaram o Brasil na história global do capitalismo, ou seja, o Brasil nasce inserido no processo de expansão mercantil capitalista europeu, cujos mecanismos Furtado tentou desvendar por meio de sua teoria do subdesenvolvimento e superar através de políticas voltadas para a industrialização e para o desenvolvimento.

A continuidade do subdesenvolvimento se constitui em ameaça permanente à construção da Nação. É o que nos diz em *A construção interrompida*. A construção nacional enfrenta um estreitamento cada vez maior do raio de manobra diante das novas formas monetárias e financeiras de inserção de nossos países no capitalismo globalizado.

Para Furtado, o desenvolvimento se torna uma questão cada vez mais complexa, sempre com novos ingredientes – como a questão ambiental e os limites dos recursos naturais; o fenômeno da globalização, que aumentou de forma acentuada a integração econômica e financeira entre os países –, sempre com novos desafios. A questão nacional permanece não resolvida. O Estado não está desaparecendo. Ao contrário, ele se fortalece no mundo inteiro. Superar o subdesenvolvimento não é tarefa do mercado, mas exige uma ativa participação do Estado nacional. Em seus últimos trabalhos, poucos anos antes de morrer, Furtado (2000b; 2002a; 2002b; 2003) continua a defender o papel do Estado para o desenvolvimento econômico e para o bem-estar da sociedade. A história nos ensina que, sem o Estado, não pode haver desenvolvimento nacional. Nenhuma civilização se organizou sem o Estado. Ele é não só “a vontade coletiva institucionalizada” como também “o instrumento privilegiado de ação coletiva”. Assim, sem a ação reguladora do Estado, mesmo que o território brasileiro continue a figurar no mapa mundial, o “existir como brasileiro, o imaginário brasileiro, a cultura brasileira, tudo pode desaparecer”, até mesmo o Brasil como Nação.

No momento atual, dada a crescente autonomia do processo de globalização, torna-se de fundamental importância uma ação estatal disciplinadora dos fluxos monetários e financeiros internacionais. Um “projeto de desenvolvimento para o Brasil” tem que partir das “potencialidades do mercado interno”. A construção da Nação brasileira passa pela superação do subdesenvolvimento, que não é obra do “livre mercado”, mas exige algum tipo de organização e planejamento. É preciso repensar a ação do Estado e encontrar as formas mais adequadas e eficientes para que ele volte a desempenhar seu papel no desenvolvimento e na construção da Nação brasileira.

Referências

- CEPÊDA, V. A. *Raízes do pensamento político de Celso Furtado – desenvolvimento, nacionalidade e Estado democrático*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FURTADO, Celso. Autorretrato intelectual. In: OLIVEIRA, F. (org.), *Celso Furtado: economia*, São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *A fantasia organizada*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- _____. Aventuras de um economista brasileiro. In: *Celso Furtado: obra autobiográfica*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Hucitec, 2000a.
- _____. Entrevista para Revista Universidade Pública. Ano I, n.3, out./nov., 2000b.
- _____. O novo Brasil. Entrevista para *Carta Capital*. Rio de Janeiro, dez. 2002a.
- _____. Entrevista a Aspásia Camargo e Maria A. Loyola. Rio de Janeiro: UERJ, 2002b.
- _____. *Discurso na cerimônia de recriação da Sudene*, BNB, 2003. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002b.
- _____. Para onde caminhamos? *Jornal do Brasil*, 22 nov. 2004.
- _____. *Anos de formação, 1938-1948: o jornalismo, o serviço público, a guerra, o doutorado*. Org. Rosa Freire d’Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- _____. *Essencial*. Org. Rosa Freire d’Aguiar. Rio de Janeiro: Penguin-Companhia das Letras (Edição do Kindle), 2017.
- _____. *Diários intermitentes - 1937-2002*, Org. Rosa Freire d’Aguiar. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

GOULARTI, A. O pensamento de Celso Furtado: crenças e desilusões. *Economia*, Curitiba, vol. 23, 1999.

OLIVEIRA, F. A navegação venturosa. In: OLIVEIRA, F. (Org.). Celso Furtado: economia, São Paulo: Ática, 1983.

_____. Viagem ao olho do furacão. Celso Furtado e o desafio do pensamento autoritário brasileiro. São Paulo, *Novos Estudos*, n. 48, jul. 1997.

RICUPERO, B. Celso Furtado e o pensamento social brasileiro. São Paulo, *Estudos Avançados*, vol.19, n..53, jan./abr. 2005.

VIEIRA, R. M. Entrevista com Celso Furtado. *História Oral*, n. 7, 2004.